



MEMÓRIAS DE UMA PRÁTICA DE ENSINO FILOSÓFICO

Marcos Machado
PROF-FILO/UFPR

RESUMO: Neste artigo relataremos uma prática de ensino filosófico realizada no âmbito do Ensino Médio. Durante o desenvolvimento dessa atividade foram estudados os conceitos de ressentimento, de vingança e de justiça, conforme interpretados por Friedrich Nietzsche na obra *Genealogia da Moral*. De modo progressivo essas concepções também foram analisadas em outros recursos metodológicos, a saber: HQ (*V de vingança*) dos autores britânicos Allan More e David Lloyd; literatura (*Memórias do subsolo*) do escrito russo Fiódor Dostoiévski; imagem (*A parábola do filho pródigo*) do artista da região de Antuérpia Frans Francken II; júri (*in loco*) observação de um julgamento. Após a investigação filosófica nessa sequência didática, os estudantes materializaram as suas reflexões na produção de *poemas*, *contos* e textos *dissertativo-argumentativos*. Nestas produções foram expressas as vivências dos discentes com essa prática de ensino filosófico.

Palavras-chaves: Narrativa; Ensino de filosofia; Ensino-aprendizagem; Experiência; Ressentimento.

ABSTRACT: In this article, we will report a philosophical teaching practice conducted at high school level. During the development of this activity, the concepts of resentment, revenge and justice were studied, as interpreted by Friedrich Nietzsche in the book *Genealogy of Moral*. Progressively, these conceptions were also analyzed in other methodological resources, namely: HQ (*V for revenge*) from the British authors Allan More and David Lloyd; literature (*Underground memories*) from the Russian writer Fiódor Dostoiévski; image (*Parable of the prodigal son*) from the artist of the region of Antwerp Frans Francken II; jury (*in loco*) observation of one trial. After a philosophical investigation in this didactic sequence, the students materialized their reflections in the production of *poems*, *short stories* and *dissertative-argumentative* texts. In these productions, the student's experiences with this philosophical teaching practice were expressed.

Keywords: Narrative; Philosophy teaching; Teaching-learning; Experience; Resentment.

Introdução

Como pretendemos revisitar as próprias memórias e relatar essas recordações, sob a perspectiva nietzschiana, vale destacar que “[...] a força do esquecimento como capacidade de se proteger das próprias lembranças resistentes e disseminadas” (ASSMANN, 2011, p. 72). Esse é um dos pressupostos bastante enaltecidos pelo filósofo alemão. É importante ressaltar que nos trabalhos do autor a noção do esquecimento aparece de modo progressivo. Na fase considerada inicial de sua filosofia identificam-se ao menos dois motivos para refutar o passado, e, conseqüentemente, a história. Para o autor há diferentes maneiras de se encarar a história, maneiras estas que apresentam riscos distintos: “No primeiro caso, que ele considera ameaçador, o presente encontra-se sob o peso do passado; no segundo, que ele vê com nostalgia, é o passado que se encontra sob o peso do presente” (ASSMANN, 2011, p. 144). Nesta perspectiva, Nietzsche critica essas duas posturas do homem ao se voltar para história – não se trata, portanto, de uma crítica contra história em si. Dado que o filósofo opõe-se a essas duas maneiras de agir porque coíbe o homem de viver e confiar em si mesmo, uma vez que nessas duas condições históricas o homem que “[...] não acredita mais em si, vê tudo desmanchar-se em pontos móveis e se perde nesse rio do vir-a-ser [...]” (NIETZSCHE, 1983, p. 58). Em outras palavras: a vivência é anestesiada, visto que o presente “já está dado” com as suas formas de comportamento; modos de pensar e agir; crenças; etc.

Com efeito, o gesto de rememorar as respectivas experiências pode ir ao encontro dessas duas posturas perante o passado e, com isso, corre-se o risco de limitar a própria narrativa. Por outro lado, revisitar o passado permite-nos evidenciar que os hábitos atuais, em sua maioria, são decorrentes de uma herança cultural, na medida em que foram fixados como “tábua de valores”, cuja hierarquização dos costumes orienta as relações humanas. Como caracteriza Nietzsche, se

[...] somos o fruto das gerações passadas, somos também fruto dos seus desvios, de suas paixões, dos seus erros e até de seus crimes. Podemos condenar esses erros e crer-nos isentos deles, mas isso não impede a nossa origem neles (NIETZSCHE, 1979, p. 130).

Dessa forma, uma coisa é a compreensão crítica do fenômeno histórico, outra é a admissão dele sem nenhuma reflexão e ainda de forma passiva.

Neste horizonte, a ponderação sobre a própria vivência, neste caso da prática de ensino filosófico, precisa assegurar que as incorreções de outrora não voltem a ocorrer. Ao passo que, se por um lado, o docente que ressignificar a sequência didática, com ela é refém dos vícios e os erros bem como dos prováveis acertos, por outro lado, possuindo um referencial, pode transformá-la em consonância com o instante presente.

Por certo, o ato de produção de conhecimento, de acordo com esse ponto de vista, torna-se um enigma, uma vez que lapidando as imprecisões anteriores da situação didática espera-se que com a adequação que ela alcance outros resultados no futuro. Com essa postura, todavia, o presente é vivenciado por entre as sombras do passado e na perspectiva de um tempo porvir.

Assim, esperamos que as experiências que serão narradas a seguir se pautem, de fato, nessa perspectiva de compreensão da história.

Sequência didática filosófica

As atividades que serão apresentadas adiante são decorrentes de uma situação didática¹ que foi desenvolvida através da realização das seguintes etapas, a saber:

1. a princípio foi elaborado um *texto base* como introdução ao tema (da justiça; vingança; ressentimento) e para conectar um recurso pedagógico a outro;

2. o primeiro material utilizado foi a história em quadrinhos *V de vingança* dos britânicos Allan Moore e David Lloyd. A trama, na qual é apresentada a conduta do personagem “V”, pode ser uma motivadora para que os discentes se interessem pelo assunto abordado nas aulas, pois o “herói” é um sujeito ressentido, uma vez que em sua memória mantém presente os horrores sofridos em um campo de concentração. Por conseguinte, seu gesto vingativo contra todos aqueles que lhe causaram sofrimento é condição necessária, na concepção do personagem, para a materialização da justiça. Neste caso, justiça para “V” consiste na vingança, e essa, por sua vez é estimulada pela moral do ressentimento. Neste contexto, essa HQ exterioriza esses sentimentos desprezíveis de um modo compreensível;

3. em seguida, com a obra literária *Memórias do subsolo*, do escritor russo Fiódor Dostoiévski, salientamos que o livro apresenta através do *narrador-personagem*

¹ Esta sequência didática é resultado da pesquisa de mestrado realizada na primeira turma do PROF-FILO no núcleo da UFABC. As atividades que serão apresentadas, por sua vez, foram produzidas por estudantes da Escola Estadual Professor Antônio Perches Lordello, situada na cidade de Limeira/SP.

o tipo de homem enfermo que sofre por causa de seus pensamentos e atitudes. Em seu momento de fúria, ele, de maneira fisiológica, reflete seus sentimentos, tendo dores no fígado, convulsões e ânsias. O motivo para esses desconfortos é um suposto insulto, do qual planeja se vingar. Em outras palavras, seu excessivo rancor é direcionado contra aquele que lhe causou certo prejuízo. Porém, frustrado por investidas fracassadas, seu ódio não é liberado. Por isso, à medida que os dias se sucedem sua raiva e enfermidade só se intensificam, pois enquanto o narrador-personagem não concretizar sua vingança não provará a convalescença;

4. nesta etapa da sequência didática usamos como recurso a imagem que representa *A parábola do filho pródigo* do pintor Frans Francken II. Embora ela represente uma história bastante conhecida, entendemos que a obra pode estimular os estudantes a descreverem suas interpretações, pois a imagem está subdividida em nove cenas: o centro da obra expõe a ideia principal da parábola, que consiste no perdão e no acolhimento do filho mais velho que outrora havia abandonado tudo para vivenciar novas experiências. Nossa intenção, porém, ao analisar essa obra é explorar os conceitos do ressentimento, da vingança e da justiça expressados na figura do filho mais novo e, com isso, espera-se estimular os estudantes a pensar a imagem e a narrativa para além da interpretação habitual, ou seja, o irmão do filho esbanjador sente rancor ao se deparar com uma festividade em benefício do primogênito, e nem a narrativa nem a imagem nos possibilitam saber o resultado desse sentimento;

5. na próxima fase da sequência didática esperamos que a observação *in loco* de um júri sirva de recurso didático e de estímulo à reflexão filosófica. Neste caso, com os propósitos de verificar se no plenário são, de certa maneira, manifestados os afetos do ressentimento, da vingança e da justiça;

6. na etapa de leitura dos fragmentos filosóficos selecionados da obra *Genealogia da moral* de Nietzsche, espera-se provocar atitudes filosóficas, como, por exemplo, as da problematização e desnaturalização.

Com isso, esperamos que os estudantes do Ensino Médio, por meio de sua consciência crítica – obtida também com o ensino de filosofia – ponham em dúvida até mesmo as suas supostas convicções verdadeiras, de tal modo que essa atitude radical permita “[...] problematizar as afirmações ou colocar em dúvida aquilo que se apresenta como óbvio, natural ou normal” (CERLLETI, 2009, p. 28). De outra forma, a ressignificação daquilo que foi desnaturalizado será reconstituída por intermédio da

fundamentação filosófica de Friedrich Nietzsche ou por qualquer outra fundamentação teórica que o estudante dispõe.

Assim sendo, a sequência didática que desenvolvemos é composta por HQ; obra literária; imagem artística; júri; filosofia.

“Vozes” dos estudantes

Ao longo da sequência didática propusemos algumas questões e ao final dela sugerimos duas possibilidades de avaliação. E em todas elas se esperava que os conceitos mencionados de ressentimento, vingança e justiça estudados em sala de aula aparecessem.

Neste contexto, no decorrer da sequência didática sugerimos três questões para serem respondidas em formato *dissertativo-argumentativo*. No entanto, os estudantes tiveram a opção de selecionar somente uma. Ao final da sequência sugerimos dois modelos de avaliação. A primeira avaliação propunha a escrita de um *conto* a partir das características marcantes presentes tanto no personagem “V”, da HQ *V de vingança*, quanto no personagem-narrador da obra *Memórias do subsolo*. No segundo formato de avaliação, por sua vez, propusemos para os estudantes a escolha de uma questão em um total de oito para em seguida elaborar uma *redação dissertativa*, tendo como parâmetro os conceitos filosóficos de Nietzsche analisados nessa sequência de ensino. Além disso, conforme algumas implicações surgiam, elaboramos outras estratégias como, por exemplo, uma atividade a respeito da presença de um crucifixo no plenário, que também será mencionada neste artigo. Aliás, caso os estudantes optassem pela realização de uma tarefa que não tivesse sido contemplada na sequência didática, possibilitamos também a escolha de outra atividade, desde que esta abordasse as convicções da proposta filosófica.

Dessa forma, iniciamos a exposição das atividades com o seguinte poema, elaborado por uma estudante.

Um sorriso mau

A maldade no sorriso
Dê quem vê o outro se ferrando
Com inúmeros argumentos
Tentando dissipar a acusação
No que acreditar?
Réu ou promotoria?

Uma chance de ganhar
Nas palavras
Que demonstram frívolas atitudes
Atos sem pensar
Depois de tudo o que ocorreu
É possível superar um coração ressentido?
Tudo é possível, se perdoar.
O que nos gera certo esquecimento
Mas alguém esquece o passado?
O passado jamais será esquecido
Então como superar?²

Apesar da dúvida quanto ao aspecto da superação de um afeto ressentido, presumimos que a estudante compreendeu os pormenores no desdobrar da sequência didática. Pois, mesmo que seja bastante enigmático livrar-se de um sentimento baixo, ocorreu o entendimento de que há certa necessidade de assimilá-lo ou reprimi-lo para não deixá-lo florescer e conseqüentemente provocar debilidade e fraqueza, devido ao não reagir imediatamente ao ato sofrido. Embora suprimir o ressentimento seja bem complexo, uma vez que a moral do ressentimento é resultado de um processo de socialização do homem. Neste caso, a própria concepção de perdão, por exemplo, manifestado no poema como provável dispositivo de cura para a condição rancorosa, corresponde a uma das instâncias desse mesmo procedimento, dado que a atitude da desculpa não exclui o afeto do ressentimento, somente alivia provisoriamente um suposto mal-estar. Em outras palavras: “[...] o sofrimento interior do homem que segundo o filósofo, combate apenas os sintomas da ‘indisposição daquele que sofre’ sem, contudo, enfrentar diretamente ‘suas causas, [...] o efetivo estar doente’” (PASCHOAL, 2012, p. 187).

* * *

Prosseguindo com as demonstrações das atividades dos discentes, apresentaremos a seguir dois comentários, realizados em grupo a respeito da presença do crucifixo no plenário. Por um lado, referem-se à fixação do símbolo religioso sem nenhuma possibilidade de prejuízo ao réu:

O crucifixo apesar de não representar a religião de todos, representa a pessoa de Cristo, que mesmo sendo inocente levou sobre si a culpa de todos. Esse fato pode expressar um ambiente jurídico com vários sentidos que variam de pessoa para pessoa, até mesmo para aqueles que não acreditam Nele como seu Deus.

² Atividade submetida pela estudante Isabela do 3º 4 em 15/06/2018.

Esses sentidos, por exemplo, podem ser de culpa ou temor à própria presença de “Deus”. Há também o sentido de reconhecimento do erro que fora cometido, visando não cometê-lo novamente.

Portanto, sendo o Estado laico e sujeitado à Constituição, o crucifixo não altera as tomadas de decisões, uma vez que o juiz pode também não ser cristão. E, ainda que o seja, os preceitos cristãos se aproximam muito aos expostos na Constituição³.

Nesta perspectiva, em virtude de uma dívida para com o antepassado (cuja lembrança revive e reafirma o débito) e, mediante a expiação da culpa é que os estudantes defendem a presença da imagem. Por outro lado, o texto selecionado de outra classe (turma) se opôs a essa definição justificando que a fixação da cruz no júri pode sim influenciar no julgamento.

A cruz é um símbolo religioso. De acordo com o seu peso histórico é a representação do cristianismo. Além disso, a presença da cruz nos remete à memória e à recordação de tempos remotos, quando a Igreja tinha poder e influência sobre o governo e a sociedade. Porém, ao nos depararmos com essa situação é perceptível a inconstitucionalidade, pois viola a separação entre o Estado e a Igreja. É importante lembrar que parte da população é cristã. Neste sentido, a presença da cruz pode influenciar a decisão do júri. Já que a religião prega a sua própria noção de justiça.

Logo cidadãos “crentes” de outras vertentes religiosas ou de nenhuma religiosidade não se sentiriam representados por um Estado que se deixa influenciar por uma moral religiosa⁴.

Embora exista certa divergência entre as justificativas dos comentários, ambas convergem no entendimento de que a cruz remete aos ideais cristãos.

Retomando as etapas da metodologia, e, conforme indicado no decurso da sequência didática, sugerimos três questões em formato *dissertativo-argumentativo*. A escolha das perguntas ficou a critério dos estudantes e a maior parte deles optaram por responder a seguinte indagação: *É possível compreender que a punição observada no júri não seja caracterizada como um fenômeno prazeroso?* Diante dessa interrogação interpretaram o observado no júri a partir dos conceitos analisados e defenderam os seus pontos de vista. As respostas que aqui selecionamos tendem a defender que é possível não se satisfazer com o sofrimento alheio, porém com algumas ressalvas.

Sim, é possível, porém somente em certas circunstâncias. É normal do ser humano não ter empatia para com uma pessoa considerada “culpada”, portanto a punição no júri se torna prazerosa no momento em que sabemos que a pessoa julgada merece a punição (não legalmente, mas sim

³ Atividade submetida pelos estudantes Audriê, Gabriel, Giovana, Gustavo e Raquel do 3º 2 em 09/05/2018.

⁴ Atividade submetida pelos estudantes Daniely, Édila, Geovanna, Marco e João do 3º 1 em 10/05/2018.

em nosso pensamento já que julgar também faz parte do próprio ser humano).

Entretanto, algumas pessoas podem sentir remorso de ansiar a punição ao saber que a pessoa na verdade era culpada, se arrependendo de ter sentido prazer conforme o julgamento.

Há também o caso de quando o julgado é um familiar ou a própria pessoa que antes sentiu prazer, logo essa pessoa não vai mais sentir tal sentimento, sempre se lembrando de quando seu familiar ou ele mesmo estava no lugar da pessoa que agora ele está assistindo e o julgamento passa a ser angustiante.

Resumindo, só percebemos que a punição no júri não é algo prazeroso quando ele nos atinge, algo muito comum de se observar na espécie humana⁵.

Outra reflexão pertinente e semelhante à resposta anterior, mas que contribui para o entendimento acerca do ser humano, sob a perspectiva dos discentes do Ensino Médio:

Sim, pois para o homem, ver o mal faz bem, mas fazer o mal é melhor ainda. Dessa forma, para quem sofreu o dano, qualquer punição feita contra o causador suprirá o seu desejo de vingança fazendo assim com que a dívida gerada esteja paga, há uma reparação no dano ou sofrimento causado e na concepção de quem sofreu; a punição sofrida servirá como forma de aprendizado àquele que causou o dano e gerará nele um sentimento de culpa.

Além disso, a todos os outros que compareceram ao julgamento, todo esse processo será prazeroso, da mesma forma, por exemplo, como há um imenso prazer em se ver vídeos de pessoas sofrendo algum dano. Como caindo, se machucando e em assistir as famosas “Vídeo-Cassetadas”. Todos os acontecimentos julgando o condenado proporcionará prazer a quem estiver lá de tal forma que todos que comparecem a um júri, que não possuam vínculo afetivo com o condenado, torcem para que ele seja condenado culpado e se decepcionam caso ele seja absolvido ou que sua pena não seja tão severa quanto o esperado⁶.

A próxima ponderação, por sua vez, indica algumas exceções, ou seja, os sentimentos podem variar de acordo com os envolvidos na trama do julgamento.

Podemos dizer que esse prazer se realiza em partes, pois se analisarmos a situação da família e amigos da vítima, há a presença de um fenômeno prazeroso por conta da sensação de justiça sendo feita e inevitavelmente do desejo de vingança, do anseio de que a pessoa que lhe causou mal sofra as devidas consequências. Outros sentimentos surgem quando essa justiça não é executada, ou seja, quando o réu é absolvido, os familiares podem se sentir frustrados e injustiçados, o que somente prolongará o sofrimento. Entretanto, ao analisarmos a situação do réu e de sua família não podemos dizer que ocorre um fenômeno prazeroso, mas sim, medo e angústia, e em alguns casos, o arrependimento pode vir a se manifestar⁷.

⁵ Atividade submetida pela estudante Letícia do 3º 3 em 25/05/2018.

⁶ Atividade submetida pelo estudante Gian 3º 3 em 25/05/2018.

⁷ Atividade submetida pela estudante Maria Clara do 3º 3 em 25/05/2018.

Neste sentido, dependendo das condições e de qual lado dos fatos os indivíduos estejam, os sentimentos morais podem sofrer alterações. Sobretudo porque há uma tendência e uma reação de optar-se pela defesa de um e a rejeição de outro, isto é, de em certo sentido advogar para o réu ou promover a vítima. No entanto, de acordo com a observação acima, em ambas as circunstâncias o sentimento de alívio e satisfação, independentemente do posicionamento em que se encontra, pode-se converter em ódio e rancor.

* * *

Continuando com as demonstrações das atividades filosóficas desenvolvidas pelos estudantes, neste instante apresentaremos as problematizações da fase final da sequência didática. Nesta etapa, como informamos, propusemos dois formatos distintos de avaliação, ou seja, a produção de um *conto* (tendo como parâmetro as narrativas de *V de Vingança* e *Memórias do subsolo*); ou a elaboração de uma *redação dissertativa* (a partir das questões propostas). Além disso, perante esses modelos de avaliação, viabilizamos para os estudantes a possibilidade de escolher entre os formatos.

Inicialmente mostraremos um *conto* cuja narrativa expressa o desejo por vingança como única alternativa para restabelecer a justiça. Neste sentido, o indivíduo rancoroso não se contenta com moderada punição, pelo contrário, para ele a reparação só será justa se provocar a mesma intensidade do sofrimento causado por um suposto infrator. Em outras palavras, deve-se encontrar uma equivalência entre a dor provocada outrora e aquela que será aplicada no futuro. Sendo assim, este *conto* questiona em que medida a punição idêntica, de mesma intensidade do delito, exprime uma suposta concretização da justiça.

O homem

Jack finalmente acorda, não sabe ao certo quanto tempo passou desacordado, podem ter sido minutos ou até horas, a única coisa que sabe é que foi tirado de onde estava antes, fora levado a uma masmorra e se encontra em uma cela. O lugar é escuro, há apenas uma fração de luz vinda da tocha no corredor que entra pelas grades da abertura na porta de onde provém uma limitada visibilidade, apenas o suficiente para identificar o que há a sua frente, isso talvez faça parte dos planos deles, uma forma de diminuir a pessoa que ali se localiza, pensar nos seus atos, ou seja, apenas por diversão, provocar o sofrimento em alguém que certamente já tem sua vida arruinada. As paredes são úmidas e feitas de rocha maciça, provavelmente foram escavadas e se tornaram as celas, o ar é gélido ali dentro, por mais que seja verão lá fora. Ao seu lado pode ver

apenas um balde, onde deverá fazer suas necessidades, um par de algemas enferrujadas presa na parede, onde provavelmente os prisioneiros que não se comportam devem passar dias presos e por fim, uma cama, onde ele mesmo se encontra, muito velha, sem qualquer cobertor, apenas um colchão extremamente fino e desconfortável.

Após alguns minutos, ruídos de passos vem do corredor ao lado de fora, uma porta se abre e Jack vê um oficial se postando frente a porta, olhando para ele pelas grades da porta na altura dos seus olhos. O oficial então diz: – Então você acordou? Como consegue dormir tão tranquilamente sabendo o que fez? Deveria estar implorando pela morte de uma vez por todas, não há punição no mundo que seja o suficiente pelo que fez, você não merece mesmo a morte, sua alma já está destinada ao pior dos reinos existentes, Deus deve sentir nojo de ter sido o responsável pela sua criação e de todos que permanecem nesse lugar!

Seus olhos pesam sobre Jack, mas este não se abala, olha para o oficial e com um sorriso no rosto diz:

– Pode, por favor, me dizer que horas são? Para que assim eu possa lhe desejar um bom dia, boa tarde ou boa noite, afinal de contas eu não sairei daqui tão rápido, o mínimo que posso fazer é ser educado.

O soldado estremece de raiva, não consegue aceitar como um sujeito possa estar tão tranquilo com tudo que aconteceu e sabendo que será castigado das piores formas possíveis.

– Eu não sei o que se passa na sua cabeça, cada segundo mais eu entendo porque você se encontra aqui, os piores castigos e punições já criados pelo governo estarão sendo postos em prática sobre o seu corpo, talvez isso seja capaz de fazer desaparecer o ser humano horrível que você é e, muito infelizmente, impedirá outros de seguirem seu caminho, se tornarem quem você é, você servirá de exemplo, cada marca fixada em seu corpo servirá de exemplo para milhões que pensam em fazer o mesmo, cada lágrima por ti derramada apagará o fogo que vive dentro daqueles cujos objetivos se assemelham ao teu!

– Qual a finalidade do castigo, interrompeu o prisioneiro, eu te pergunto oficial qual a finalidade se não a de moldar o próprio homem? Cada um de nós fomos moldados a ser quem somos, a seguir cegamente sem questionar qual a sua finalidade, o Estado nos prega a liberdade, dizendo que cada um é livre para fazer suas próprias escolhas, mas recebemos desde que chegamos ao mundo como devemos nos comportar, o que devemos fazer ou não fazer, se formos contra uma conduta somos humilhados, punidos e aí o castigo surge, machucar o corpo de um homem será o suficiente para fazê-lo mudar? Acredita mesmo que punir um sujeito que cometerá um ato terrível o fará mudar de ideia? Irá fazê-lo aprender? Ora, ele já não cometerá o ato mesmo sabendo da consequência a que seria submetido? O castigo como você considera ser uma forma de aprendizado não passa apenas de um ato gerador de medo, tornando o Estado que não tivera a capacidade de prover condições para que tal ação não ocorresse, possa se sentir superior novamente, mostrar quem está no poder, transmitir medo a quem ouse pensar diferente dele. O castigo, portanto, não faz nada mais do que transmitir medo, e o medo meu amigo, de nada torna o homem um ser melhor, muito pelo contrário, apenas o molda da maneira como quem está no comando aceite e reforça o poder sobre todos aqueles a quem domina.

Jack levanta de sua cama, se dirige até a porta e olha bem nos olhos do oficial, ele claramente se encontra desconcertado, certamente tudo que escutou o afetou de alguma forma, nunca ouvira tantas verdades sendo ditas a sua cara. Então Jack continua:

– Você já pensou meu caro companheiro a que justiça você serve? Que interesse você defende? O que você como certo e errado condizem com o que realmente você acredita ou simplesmente estão sendo colocados na sua cabeça desde que você era apenas um pequeno bebe junto de sua

amada mãe? Você acredita que todas as leis, a qual obedece te torna um homem melhor? Já viu algum prisioneiro aqui dentro se arrependendo do que fizera de forma consciente? Ou foi forçado a acreditar naquilo após sessões e sessões de torturas e punições? Meu caro amigo, uma coisa eu posso te garantir, o que em geral se consegue com o castigo, em homens e animais, é o acréscimo do medo, a intensificação da prudência, o controle dos desejos, ou seja, o castigo doma o homem, mas não o torna melhor. O soldado se encontra espantado, nunca escutara algo do tipo vindo de nenhum prisioneiro, este certamente não é como os outros que já convivera, é diferente, há algo nele que liga a desordem, suas palavras cativam os mais profundos sentimentos e instintos daqueles a sua volta. O oficial sai do seu êxtase, olha para o prisioneiro dentro da cela, não consegue suportar seu olhar, ele abre a cela, olha no fundo dos olhos do prisioneiro, há algo de diferente nele e isso deve ser impedido, o prisioneiro sorri para o soldado e é jogado ao chão, de fora das masmorras pode-se ouvir o barulho do cassetete batendo em seus ossos, mas não se escuta grito algum, somente os berros e os ruídos ofegantes oriundo da raiva do oficial. Seu corpo espancado será mostrado depois a população, ele servirá de exemplo para quem ouse se contrapor ao que é ditado pelo Estado, aqueles que ainda insistem em fazer isso irão aprender, mesmo que da pior forma possível, até que não haja mais problemas a serem enfrentados⁸.

Nessa história, além dos conceitos de Nietzsche estudados no ambiente escolar, há traços, por exemplo, da conhecida “alegoria da caverna” de Platão, conforme descrito no Livro VII da obra *A República* (Cf. PLATÃO, 2000, p. 319). Especialmente no cenário construído pelo discente, isto é, quando o prisioneiro só consegue divisar sombras, devido à tocha fixada no corredor do ambiente externo à cela. Além disso, no novo habitante da escuridão reside o que seria a verdade, pois é ele que conduz a reflexão durante o diálogo. Buscou-se mostrar que nos indivíduos livres (no caso do oficial) predomina a ignorância: o agente, encarregado por zelar pela justiça, vive um aprisionamento mental devido às suas próprias convicções, fundamentadas a partir dos princípios do Estado. Esta afirmação tem sentido consolidado considerando-se que os estudantes tiveram contato com essa interpretação no decorrer do Ensino Médio.

Com relação às questões dentre as quais os estudantes puderam escolher, gostaríamos de destacar duas respostas a elas, pois ambas sintetizam as concepções de Nietzsche investigadas nesta situação didática. Além disso, com elas pode-se verificar se os discentes compreenderam os conceitos analisados. As primeiras respostas dizem respeito à finalidade do castigo, enquanto as segundas abordam o aspecto do ressentimento, principalmente a possibilidade de não se debilitar em razão desse afeto.

⁸ Atividade submetida pelo estudante Gian do 3º 3 em 15/06/2018.

Assim interrogamos “1) Qual a finalidade do castigo?”, e obtivemos a seguinte resposta:

Teoricamente o castigo é uma punição direcionada às pessoas que cometem erros, infringem leis ou fogem daquilo considerado “correto” dentro dos padrões sociais.

Praticamente o castigo tem diversas interpretações, mas sua finalidade é retirar o foco de algo cometido e punir o réu, sendo através da prisão, morte ou proibições de qualquer forma. O castigo é estipulado por alguém e direcionado ao réu com a finalidade de desvinculá-lo da sociedade e puni-lo ou gerar a sensação vingativa.

Entretanto, na visão filosófica de Nietzsche, o castigo é uma imposição do credor sobre o devedor, este último, estando em dívida com a sociedade pelo descumprimento de suas “promessas”, por isso recebe o devido castigo direcionado pelo credor que, por sua vez, alivia sua consciência moral, e paralelamente, o devedor inicia-se à criação da má-consciência, ou seja, a culpa pelas infrações que cometera⁹.

Outra indagação que destacaremos exigiu dos estudantes uma reflexão a respeito do ressentimento. Com essa segunda pergunta esperávamos ponderações, sobretudo com indicações de atitudes que evitassem não se incomodar com esse afeto. Ressaltamos que não como meio para excluí-lo completamente, dado que este sentimento faz parte do processo civilizatório. Além disso, não

[...] existiria um estado normal de saúde ou que seria possível ao homem viver sem experimentar a interiorização de sentimentos como o rancor e o ódio decorrentes de vivências desagradáveis. Bem como não há [...] uma saída final e definitiva para o problema do ressentimento, uma vez que ele é um problema inerente ao processo de sociabilidade do homem [...] (PASCHOAL, 2012, p. 183).

* * *

A segunda questão que optamos por apresentar trata exatamente dessa problemática, a saber: “2) É possível a superação do ressentimento?” Analisemos as respostas abaixo:

Possível pode até ser. Quando estamos ressentidos, sentimos dor e revolta retida, fria e endurecida com o tempo, desde que aconteceu aquilo que nos provocou o ressentimento. Você se desconecta do que aconteceu anteriormente ou do que poderá acontecer no futuro, e a situação e o que você experimentou permanecem imutáveis no tempo.

De modo que, você corta o interesse em relação à outra pessoa e procura não se importar com nada que ela faça ou diga, contudo, você não pode se

⁹ Atividade submetida pela estudante Rafaely do 3º 2 em 13/06/2018.

livrar da sensação de frustração, raiva, impotência ou dor em relação àquilo que lhe ofendeu.

O ressentimento começa a se produzir quando vivemos uma experiência que gerou frustração, diante da qual a pessoa não expressa sua dor ou revolta.

A dor e a revolta abrigadas em seu interior vão crescendo, dando lugar a esse “monstro” que pode se apoderar da pessoa. O fato de não expressá-lo torna-o tóxico em nosso interior, mantendo-o desconectado do resto e transformando-o em algo crônico.

Para evitar que o ressentimento apareça, devemos saber nos chatear adequadamente e, principalmente reconhecer e expressar a dor que sentimos. Trata-se de ser consciente do que acontece e identificar como se sente, em vez de agir de forma automática. Além disso, precisamos compreender que ninguém pode proporcionar o que esperamos ou precisamos, não apenas devido as suas circunstâncias, mas também porque frequentemente não o expressamos¹⁰.

Este “monstro” que cresce e habita o interior do homem, e que pode apoderar-se dele integralmente é o que deve ser combatido na interpretação da estudante. Neste caso, há um reconhecimento de que à medida que este suposto monstro se apodera da existência, mais se intensifica o enfraquecimento do homem; esse homem fragilizado, por sua vez só consegue reagir contra a sua própria consciência, pois impotente para externalizar suas amarguras, volta-se contra o seu interior. Esse monstro do ressentimento eventualmente ataca a si mesmo, pois não tem qualquer outro alvo ao qual dirigir sua amargura em relação à situação mal resolvida. Por outro lado, esta representação metafórica pode ser suprimida, desde que o indivíduo consiga dar conta e assimilar, por exemplo, suas chateações, eliminando, assim, o “hóspede indesejado”. De acordo com Nietzsche, uma das “fórmulas” para à superação do ressentimento é precisamente a reação imediata, pois

[...] a vingança e sua realização não correspondem necessariamente a formas de ressentimentos. Para se caracterizar o ressentimento é imprescindível que a vingança seja adiada e especialmente que o impulso detrativo se dirija para o interior do homem (PASCHOAL, 2012, p. 194).

Nesse horizonte, a próxima resposta, dada por outra discente para essa mesma questão, indica que compreendeu que conforme Nietzsche é possível superar o ressentimento, mas que especialmente para ela esse gesto é amplamente complexo, sobretudo devido à intensidade de alguns acontecimentos.

¹⁰ Atividade submetida pela estudante Victoria do 3º 3 em 15/06/2018.

De acordo com o pensamento de Nietzsche sim, mas de acordo com a minha opinião não. O afeto do ressentimento é muito mais profundo e muito mais intenso do que outros sentimentos, pois ele deixa marcas profundas e difíceis de ser esquecida, só quem já sentiu sabe o quão difícil é olhar para a pessoa que causou aquilo em você e se sentir impotente sem nenhuma razão para existir¹¹.

Na visão dessa estudante pode parecer impossível não se afetar tanto com os acontecimentos desagradáveis. Em contrapartida, se eles, de fato, produzem fraqueza, por certo, é viável, na pior das hipóteses, ao menos elucidar por qual razão os sentimentos baixos nos afetam com tamanha intensidade.

Considerações finais

Em síntese, diante da apresentação de algumas atividades realizadas pelos estudantes, pôde-se confirmar que há um reconhecimento compartilhado, mesmo entre aqueles que expressam alguma crença em certa divindade, de que a moral do ressentimento alimenta o assim chamado monstro interno como forma de expansão da própria condição ressentida. Além disso, existe também um entendimento comum nas atividades selecionadas dos discentes de que a vivência de tal afeto não é saudável, por isso, procura-se evitar, por exemplo, os sentimentos rancorosos e vingativos. Dado que apesar de fazerem parte do processo civilizatório do homem eles não o tornaram melhor. Pelo contrário, o homem continua sendo violento, mas com esse procedimento ele metaforicamente fere, inclusive, a si próprio devido à incapacidade de digerir uma situação desagradável.

Referências bibliográficas

ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Trad. Paulo Soethe. Campinas: Editora Unicamp, 2011.

CERLETTI, Alejandro. *O ensino de filosofia como problema filosófico*. Trad. Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

¹¹ Atividade submetida pela estudante Beatriz do 3º 2 13/06/2018.

MACHADO, Marcos
Memórias de uma prática de ensino filosófico

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Considerações intempestivas II – Da utilidade e dos inconvenientes da história para a vida*. Trad. Lemos Azevedo. Lisboa: Presença; São Paulo: Martins Fontes, 1979.

_____. *Obras incompletas*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. 3. Ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

PASCHOAL, Antonio Edmilson. “A superação do ressentimento na filosofia de Nietzsche”. *Estudos Nietzsche*, v. 3, n. 2, jul./dez. 2012.

PLATÃO. *A república*. Trad. Carlos Alberto Nunes. 3. Ed. Belém: EDUFPA, 2000.